

O Movimento FEMEN: geopolítica e neo-feminismo

Ricardo José Batista Nogueira¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão sobre as novas geopolíticas da globalização em que ganha relevância as ações dos movimentos sociais frente aos Estados nacionais, destacando a atuação do Femen, um grupo feminista que surgiu na Ucrânia, em 2008, com a finalidade de combater o machismo, a prostituição e o turismo sexual naquele país. A ampliação das reivindicações do grupo está associada à inserção deste país nas novas relações de poder após o fim da União Soviética e a independência da Ucrânia da órbita de Moscou. Neste sentido, o trabalho aponta as disputas históricas entre a Rus' Kieviana e os moscovitas; a Revolução Laranja, em 2004, na Ucrânia; os fundamentos e os ataques do Femen e conclui discutindo o futuro do grupo e da Ucrânia.

Palavras-chave: Geopolítica; Gênero; Ucrânia; Rússia.

El movimiento FEMEN: Geopolítica y Neofeminismo

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar una discusión sobre las nuevas geopolíticas de globalización donde las acciones de los movimientos sociales frente el Estado nacional reciben mayor relevancia, destacándose la actuación de Femen, un grupo feminista que surgió en Ucrania, en 2008, con la finalidad de combatir el machismo, la prostitución y el turismo sexual en aquel país. La ampliación de las reivindicaciones del grupo está relacionada a la inserción de este país en las nuevas relaciones del poder después del fin de la Unión Soviética y la independencia de Ucrania en la órbita de Moscú. En este sentido, el trabajo señala las disputas históricas entre Ru'Kieviana y los moscovitas; la Revolución Naranja, en 2004, en Ucrania; los fundamentos y ataques de Femen y lo concluye con una discusión del futuro del grupo y Ucrania.

Palabras clave: Geopolítica; Género; Ucrania; Rusia.

Introdução

“Um novo fantasma ronda a Europa”. Ele não tem hora nem lugar para aparecer, seus ataques são impetuosos, inusitados e sempre terminam sendo reprimidos pelas forças policiais, seja em Paris, Milão, Roma, Davos, Bruxelas, Zurique, Londres, Hamburgo, Viena, Sofia, Moscou, Minsk ou Kiev: é o

1 Doutor em Geografia, Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Contato: nogueiraricardo@uol.com.br

fantasma do Femen. Dois fatos resultam desta ação: 1) O Femen já é reconhecido por todas as potências da Europa; e 2) Já é hora do Femen divulgar abertamente para todo o Mundo suas ideias, objetivos e tendências².

As mudanças nas relações entre os Estados nacionais após o fim do mundo bipolar, e entre estes e a sociedade civil, tem provocado os cientistas a buscarem novas explicações para o surgimento de inúmeros movimentos contestatórios diferentes daqueles que prevaleceram ao longo do século XX.

Das assimetrias de poder existentes entre os Estados nacionais, referência primordial da velha geopolítica, percebe-se, na atualidade, movimentos que questionam outras relações de poder, que vão desde os movimentos verdes, passando pelos movimentos em busca da “democracia liberal”, das liberdades religiosas e de gênero. Talvez nisso, Claude Raffestin (1993) estivesse certo quando afirmou que os estudos da Nova Geografia Política não poderiam ficar restritos aos Estados nacionais, pois outros agentes sociais estão aparecendo no cenário internacional e participando na nova correlação de forças.

De modo semelhante, Agnew (2005) aponta que a espacialidade do poder não tem por que reduzir-se sempre à territorialidade dos Estados e, tomando como referência as circunstâncias político-econômicas e tecnológicas de cada época, indica a existência cronológica de pelo menos quatro modelos de espacialidade do poder: primeiro, um conjunto de mundos, pautada em civilizações; segundo, o campo de forças, cuja base são os Estados; terceiro, a rede hierárquica, em que os nós são as cidades-regiões; e em quarto, os agrupamentos sociais ou a sociedade mundial integrada, onde predomina a consciência da existência de problemas globais comuns, uma comunicação global entre diversos atores, sem uma hierarquia claramente definida. Aqui estaria sendo produzida a nova geopolítica!

Com o fim do socialismo a composição de blocos de países não é mais ideológica, mas varia desde objetivos estritamente econômicos (Mercosul, Comunidade Europeia), sendo mesmo instável em seu interior, até objetivos pautados em afinidades culturais (Liga Árabe), tendo também as suas divergências internas. Estes arranjos estatais

² Este primeiro parágrafo é uma metáfora ao primeiro parágrafo do “Manifesto Comunista”, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels e publicado em 1848.

promovem alterações também nas sociedades nacionais, que ao mesmo tempo procuram fundar grupos e sociedades supranacionais e supraestatais com temas, pautas e objetivos internacionais. Apesar de não compartilharmos dos discursos sobre o enfraquecimento dos Estados, o certo é que ele não é mais o único agente na cena mundial. Tem sido forçado a dividir, rivalizar, negociar o seu poder com outros agentes, agora mais livres da antiga divisão bipolar e, enfim, legislar para acomodar as pressões vindas de diversas direções. E isto remete a pensar quem são os novos agentes da geopolítica mundial, o seu efetivo poder, pois nem sempre as adesões dos Estados a este ou aquele bloco resultam numa aceitação pacífica da sociedade. Daí novos personagens, para além dos Estados, estarem ganhando a cena nas disputas mundiais do poder: são corporações multinacionais exigindo dos Estados facilidades de produção e circulação de mercadorias, muitas vezes sob a ameaça de mudar sua geografia fabril; são os organismos internacionais de comércio e os bancos tentando regular a produção, a circulação, o financiamento em vários países; são ecologistas organizando associações de defesa do ambiente nas mais variadas escalas, nos mais diversos biomas, patrocinando atos de forte impacto midiático; são terroristas disseminando o medo como forma de protesto contra Estados, tendo consequências funestas para centenas de inocentes quando atacam lugares de grandes concentração de pessoas; são traficantes de drogas, mulheres e órgãos atuando de modo reticular em diversos lugares, com fortes disputas entre si por controle de territórios; são feministas procurando instituir relações menos desiguais e forçando superar a grande diferença de gênero ainda existente em todos os países, independente da cultura ou do nível de desenvolvimento social e econômico; são homossexuais mostrando que possuem direitos sociais independente de sua orientação sexual e realizando grandes manifestações em diversas cidades do mundo como a Gay Pride Parade; são fundamentalistas religiosos difundindo sua crença redentora por todos os poros da sociedade e realizando, do mesmo modo que os outros grupos, grandes manifestações urbanas; enfim, e porque não, podemos até inserir nesta relação os *Hackers*, pois eles, através da rede mundial de computadores, tem colocado em apuros e trazido o terror à órgãos estatais e grandes corporações mundiais quando ameaçam atacar os sites, contaminando-os com vírus ou tirando do ar (o caso visível do *Wikileaks* é um forte exemplo, mesmo sem ser anônimo).

Em vista de tal diversidade de novos agentes sociais que forçam participar da nova geopolítica como novas fontes de poder, elegemos como objeto neste ensaio um desses

movimentos que vem ampliando seu reconhecimento mundial em virtude das atitudes tomadas como resposta as ações de Estados nacionais, empresas, religiões e todos aqueles que afetam as relações de gênero nas sociedades: o FEMEN.

Surgido na Ucrânia, em 2008, como um movimento feminista, lutando contra o machismo, o turismo sexual e a prostituição em seu país, este grupo vem aumentando não só sua pauta de questionamento social e de enfrentamento às ações dos Estados, igrejas e empresas, como ampliando espacialmente suas ações, realizadas em diversos países, procurando reduzir as inúmeras assimetrias nas diversas relações de poder instituídas.

Duas questões iniciais devem ser colocadas para que possamos continuar na argumentação de que este movimento representa algo de novo nas relações entre Espaço, Estado e Poder. A primeira questão, e que ganha maior destaque, diz respeito ao Feminismo, ou seja, qual o lugar da mulher na sociedade, pois é em torno deste tema que o Femen tem provocado uma difusão mundial de seus ataques, realizados por suas militantes seminuas. A outra questão é por que este movimento surge na Ucrânia e qual o significado deste país, afinal? Talvez seja difícil separar as duas questões, por isso mesmo iniciaremos com a consideração do problema geopolítico, ou seja, qual o lugar da Ucrânia no mundo atual e, posteriormente, a emergência deste movimento feminista.

A Ucrânia não é uma vagina

Num dos ataques realizados em 2010, na cidade de Kiev, capital da Ucrânia, o grupo Femen invadiu a galeria de artes *Pinchuk Art Center*, onde o artista plástico ucraniano Segey Bratkov fazia sua exposição de fotografias em que a principal foto era de uma garota mostrando seus órgãos sexuais. Com cartazes na mão em que diziam “A Ucrânia não é uma vagina” e “Vaginart”, as militantes do grupo demonstraram sua indignação com a exposição de fotos e denunciaram aquilo como um insulto às mulheres ucranianas, através de sua prática habitual de nudez, causando um tumulto e sendo reprimidas e recolhidas pela polícia. A exposição do artista continuou.

A Ucrânia é um país do Leste Europeu com cerca de 600 mil km². Isso a coloca como o segundo maior país da Europa, atrás apenas da Rússia, com quem faz fronteira. Possui uma população de 46 milhões de habitantes, cuja composição étnica dá aos

ucranianos uma superioridade enorme com cerca de 78% da população, contra 18% de russos. O restante é composto por diversas etnias como romenos, búlgaros, tártaros, bielorrussos, armênios, poloneses, gregos. A língua falada na atualidade é o ucraniano, porque durante o período soviético houve a imposição do russo. Contudo, como consequência do longo período de dominação russa, os dois idiomas são utilizados, sendo o ucraniano mais falado na porção oeste e o russo predominante nas regiões leste e sul da Ucrânia. Dividida ao meio, a Ucrânia pode no futuro ter que contornar esta situação.

Porém é importante salientar que esta relação conflituosa com a Rússia é bem mais antiga, e chega a ser dolorosa uma vez que o próprio nome originário do país foi, segundo historiadores ucranianos, apropriado pelos russos. Não há nada mais simbólico para inúmeros povos que a toponímia, ou seja, o nome dado pela população aos lugares que fazem parte da sua história. Vejamos brevemente esta história para compreender a tensão entre estes dois países, o que também não é simples, porque cada historiador nacional procura realçar sua nação frente a outras. Assim, os russos minimizarão o conflito, enquanto os ucranianos enfatizarão suas origens étnicas.

A história da Ucrânia é marcada por fortes níveis de descontinuidade, seja como centro importante, seja como lugar conquistado, submetido e destruído, afirma o historiador Rudnytskyj (*apud* OGLIARI, 2000). Surgido da união de diversas tribos no século IX, o principado de Kiev tem nos eslavos orientais a sua principal referência, quando formaram o Estado kieviano ou Rus', uma confederação de cidades-estados liderada pelo Grande Príncipe de Kiev. Até o século XVI a atual Ucrânia era conhecida como Rus, Russyn, Rus de Kyiv, ou Rus' Kieviana, sendo o seu povo conhecido como rusyny (OGLIARI, 2000).

A mudança na denominação vai ocorrer durante o reinado de Pedro I, czar do estado moscovita entre 1672-1725, quando a denominação Rússia foi utilizada para o reino de Moscou. Apesar de lutar pela preservação de seu nome histórico, a Ucrânia passou a utilizar este nome desde o século XII para denominar a região. Com base em Burko (1963, n.d.), Ogliari aponta que “além de lutar pela posse da terra, os ucranianos tiveram que lutar igualmente pela artificiosa confusão de topônimos criada pelos moscovitas o que os fez renunciar, no decorrer dos séculos, ao nome histórico do seu país”.

Além da perda do nome, a definição territorial também foi dramática para os ucranianos. A origem da Rus' Kieviana concentrava três grandes grupos eslavos: os grão-russos (russos atuais), os pequenos russos (ucranianos) e os russos brancos (bielo-russos). Contudo, segundo Segrillo (2012), todos eram um único povo reunido sob a Rus' Kieviana do século IX, quando se forma o Estado kieviano, até o século XIII. Em 1149 o Império de Rus' Kieviana foi invadido e saqueado pelos moscovitas, causando uma transferência da sede de poder da porção oriental para a porção ocidental, ou seja de Kiev para Lviv. A continuidade de invasão de tártaros, mongóis, turcos, do breve domínio húngaro e de poloneses à região da Ucrânia, segundo Tsvietkov (apud OGLIARI) deixou a Ucrânia dividida da seguinte maneira: ao Norte as terras da Ucrânia eram devastadas pelos moscovitas, ao Sul por turcos, no Oriente por tártaros da Criméia, que eram regidos pela estirpe de Hereos, e no Ocidente passou para o domínio da nobreza polonesa.

A partir do domínio mongol, que durou do século XIII ao século XV, destruindo a autoridade central de Kiev e provocando a dispersão dos eslavos, as diferentes regiões da Rus' Kieviana passaram por rumos diferentes, sendo fortalecido o reino de Moscúvia, que dá origem a Moscou. A Rus' Kieviana sempre havia sido, pela sua localização, um importante centro do comércio entre o Ocidente e o Oriente utilizando os rios Volga e Dniepre (SEGRILLO,2012). Porém, o tradicional território kieviano foi dividido entre a horda de Ouro mongol, o Grão Ducado da Lituânia e o reino da Polônia. Este retalhamento foi ampliado no século XIX quando as terras da Ucrânia foram divididas entre a Rússia e o Império Austríaco, sumindo literalmente do mapa da Europa, pois a parte ocidental ficou sob domínio austro-húngaro e o restante sob domínio dos czares russos. Segundo Burko, este foi o pior momento para o povo ucraniano, submetidos a confisco dos bens, deportações para a Sibéria, prisões e devendo optar entre converter-se ao russo ou ser exterminado.

Com a Revolução Russa e a formação da União Soviética, a Ucrânia, que há mais de um século lutava pela sua independência, tendo criado uma organização militar denominada de Cossacos, passou a compor o conjunto das Repúblicas soviéticas. Este período também foi obscuro para os ucranianos, que tiveram mais uma vez sua nacionalidade violada, reprimida. Sua independência só vai ocorrer em 1991 com o fim do bloco soviético. Todavia, a subordinação durante cerca de 70 anos neste bloco deixou algumas heranças.

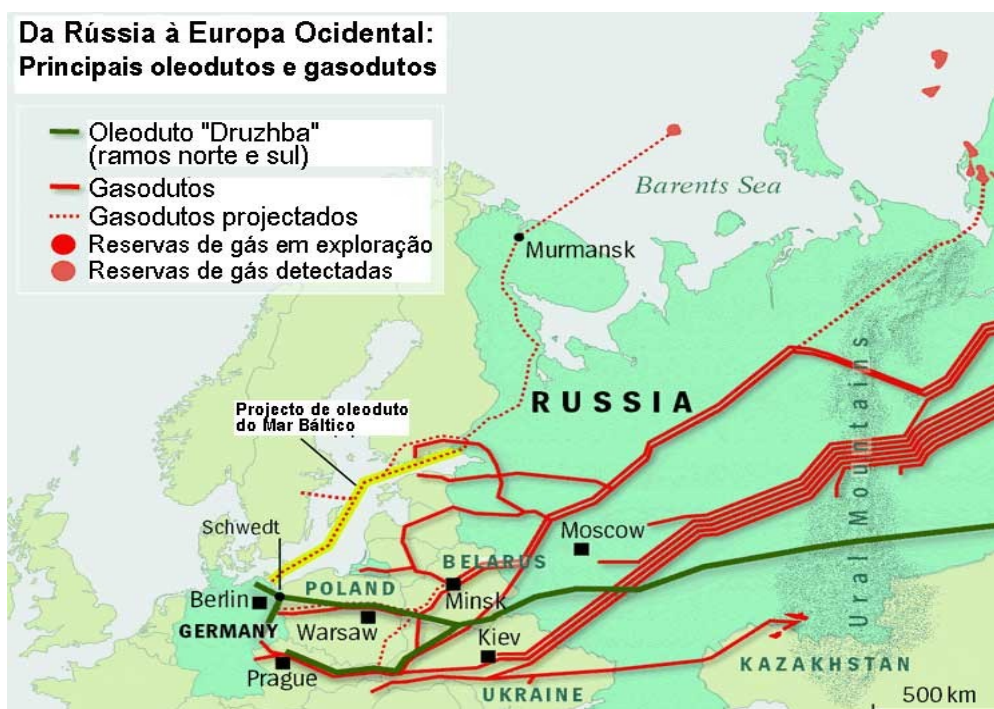
Localizado no extremo oeste da antiga União Soviética, no ponto de contato, portanto, com o ocidente capitalista, o território ucraniano serviu como importante base para a implantação de armas de defesa frente às ameaças americanas. A Ucrânia, possuindo um dos solos mais férteis do mundo, o *tchernoziom*, também se tornou um grande produtor de grãos – o celeiro da URSS - além de abrigar minas de carvão, recurso energético fundamental numa região fria. Chernobyl, uma usina atômica construída pela União Soviética, mais conhecida por sua explosão e produção de graves problemas ambientais, hoje desativada, também fica na Ucrânia. Enfim, a importante base naval de Sebastopol, montada pela União Soviética na Criméia, no Mar Negro, ficou para a Ucrânia, apesar de que nesta região há uma maioria de população russa.³

Some-se a esta herança engravada no território, a extensa rede de gasodutos e oleodutos que saem da atual Rússia e atravessam o território ucraniano para abastecer a Europa. São cerca de 140 bilhões de m³ por ano de capacidade de transporte de gás, através de oito ramais que cortam a Ucrânia. A Gazprom, empresa pública russa, fundada em 1989, é a responsável pelo controle de milhares de quilômetros de gasoduto. Este assunto tem sido o principal ponto de divergência atual entre a Rússia e a Ucrânia. Se por um lado a Ucrânia tenta cobrar mais da Rússia pela passagem de seus dutos em direção à Europa, por outro, a Rússia ameaça aumentar o preço e mesmo cortar o fornecimento de gás para a Ucrânia. Porém, uma aliança dos russos com os alemães⁴, principais compradores do gás, resultou numa manobra espetacular dos russos para escapar do problema colocado pelos ucranianos, bielossusos e mesmo os poloneses, que foi construir um gasoduto de mais de 1200 Km sob o Mar Báltico desviando assim da Ucrânia (Mapa 1). Na verdade, a Rússia desviou de sua própria cortina de ferro, constituída pelos países do Báltico, a Ucrânia e a Bielorrússia.

3 N.E.: Em polêmica votação no Parlamento ucraniano em 2010, foi autorizada a permanência de uma base russa na Crimeia até 2042. O acordo assinado pelos presidentes da Ucrânia, Viktor Yanukovich, e da Rússia, Dmitri Medvedev, também prevê para a Ucrânia um desconto de 30% na compra do gás natural russo.

4 As ligações entre Medvedev e Angela Merkel foram comparadas pelo ministro das relações exteriores da Polónia como semelhante aos vínculos de Hitler e Stalin! A construção do gasoduto foi acordada em 2005, durante a presidência do russo Vladimir Putin e do alemão Gerard Schroder.

Mapa 1- Rede de dutos entre a Rússia e a Europa



Fonte: www.paginavermelha.org

Diante de tudo isso é compreensível a referência que Lacoste (2008) faz sobre a Ucrânia, quando, utilizando-se do ditado “Tão próximo dos Estados Unidos e tão longe do céu”, sobre a relação do México com os EUA, indica que os ucranianos poderiam dizer “Tão próximo da Rússia e tão próximo do inferno”, uma vez que esta proximidade cultural e geográfica nunca deixou de causar problemas, como a proibição do uso da língua no ensino e na imprensa em 1876, até a influência política total quando do desmembramento da URSS e sua independência em 1991. Desse período até 2004, a fidelidade a Moscovo era marcante, porém o movimento popular denominado Revolução Laranja em 2004 colocou no poder um opositor, reduzindo as relações com Moscovo e aproximando a Ucrânia da Europa Ocidental, que ainda pretende ser um membro da União Europeia. Isto evidentemente estremeceu as relações entre Estados Unidos/União Europeia e Moscovo, que não pretendia perder um país chave na sua geopolítica⁵. É neste país dividido que surge o Femen!

5 Mielniczuk (2006) demonstra os principais conflitos entre a Rússia e a Ucrânia no período pós-soviético.

A Ucrânia não é um bordel: o neo-feminismo do Femen

O primeiro ato de protesto do Femen ocorreu em 2008, na Praça Maidan, conhecida como Praça da Independência, lugar que possui todo um simbolismo para os ucranianos, pois foi ai que ocorreram os principais movimentos da Revolução Laranja⁶ em 2004. O protesto de dezenas de militantes seminuas do Femen era para denunciar a falta de ação do governo da Ucrânia contra o turismo sexual, e os cartazes que elas portavam diziam que “A Ucrânia não é um bordel”. A partir deste ato o grupo ganhou uma repercussão mundial através da mídia, alguns argumentam que foi muito mais pela nudez do que propriamente pelo protesto em si. Mas o que é o Femen?

O grupo Femen surgiu na Ucrânia no ano de 2008 tendo como principal referência ideológica o pensamento do social-democrata alemão e líder sindical August Bebel (1840-1913), autor de um livro intitulado “A mulher e o socialismo”, escrito durante a prisão e publicado em 1879. Bebel, como socialista, procurava mostrar como os diferentes partidos tratavam a questão da mulher, afirmando que para alguns partidos a mulher não constituía uma questão, pois a vocação natural já definia o seu lugar como esposa e mãe, sendo este lugar o lar! Este pensamento viria dos burgueses, de ambos os sexos. No limite, eram as mulheres burguesas que lutavam por mudanças para o seu estreito círculo, como a luta pelo voto, que ele achava importante, porém insuficiente. O que Bebel preconizava era a necessidade da participação da mulher no movimento socialista, junto ao proletariado, e que uma mudança geral na sociedade só viria com o reconhecimento da outra metade dela: a mulher. Ou seja, a questão da mulher constitui apenas um aspecto da questão social geral e que aquela não teria solução enquanto não se resolvesse esta última. Contudo, Bebel também estava ciente de que muitos socialistas não aceitavam a emancipação a mulher, sendo isto antiético, nem sequer compreendiam a independência da mulher frente ao homem, pois isso feria o seu ego.

A partir destas ideias, o Femen estabeleceu como objetivo denunciar e combater o machismo, o turismo sexual e a prostituição, a corrupção e a falta de democracia, inicialmente, e atuando somente na Ucrânia. Destes objetivos, é importante salientar que antes mesmo do turismo sexual denunciado pelo Femen, o que foi significativo não somente na Ucrânia, mas em várias regiões do Leste Europeu, foi o tráfico de mulheres

⁶ A Revolução Laranja emergiu de um protesto contra a eleição fraudulenta para presidente da Ucrânia em que o vitorioso foi Viktor Yanukovick, apoiado pela Rússia. A manifestação popular, vestida de cor laranja, conseguiu anular a eleição e numa nova votação venceu o candidato não apoiado pela Rússia, Viktor Yushchenko.

brancas para a América no final do século XIX e início do XX, genericamente conhecidas por polacas. Este fato recebeu uma crítica profunda da militante anarquista e feminista Emma Goldman (1869-1940), num artigo denominado “Tráfico de Mulheres” escrito em 1909, em que ela ironizava os políticos locais por terem ‘descoberto’ o tráfico. Segundo ela, o comércio de mulheres, embora antigo, foi agravado com o capitalismo, que termina por pagar míseros salários às mulheres, envolve mulheres não apenas brancas, mas amarelas e negras. Entre as polacas estavam também muitas ucranianas, país que havia desaparecido, como vimos, em vista das ocupações russas a partir do oriente e pela Polônia e Áustria a partir do ocidente. Na migração para o Brasil, do final do século XIX para o XX, muitos ucranianos foram registrados como sendo daqueles países (BURKO *apud* TENCHENA, 2010).

Pode-se argumentar que com tais objetivos, o movimento poderia ter começado em diversos países do mundo, uma vez que machismo, turismo sexual, prostituição, corrupção e falta de democracia não são exclusividade da Ucrânia. O que é exclusivo da Ucrânia e que certamente contribuiu para que o Femen surgisse lá é o fato histórico das relações de dominação da Rússia sobre a Ucrânia, mesmo depois do fim da União Soviética. A pressão para a contínua russificação da Ucrânia afetou a nova geração, que de modo metafórico, associavam a situação da Ucrânia à uma mulher pobre em busca de um marido rico, que seria a Rússia. Estatísticas de 2011 indicam que a Ucrânia possui uma alta taxa de desemprego e o maior índice de HIV/AIDS da Europa, segundo a ONG Aliança Internacional. As militantes do Femen são todas desta nova geração pós-soviética, jovens portanto, e diante disso decidiram se recusar a seguir, segundo elas, o destino histórico das mulheres ucranianas: migrar, casar com um homem rico ou se prostituir. Isto as aproximaria da “terceira mulher” de Lipovetsky (1997)? Estaria com razão Loyer (2010), quando afirma que “o feminismo é uma ideologia universalista, que se inscreve nos debates geopolíticos nacionais”?

Se a referência ideológica do Femen é o pensamento do socialista August Bebel, qual é o feminismo do grupo num país ex-socialista e num mundo cada vez menos socialista? Se a proposição maior dos socialistas a respeito da luta feminista era de que a contradição de gênero seria superada com a supressão do modo de produção capitalista, parece que isso não aconteceu ao longo de 70 anos de socialismo. E não aconteceu exatamente porque o pensamento socialista, de base marxista, considerou apenas o

aspecto econômico nas relações de dominação, esquecendo o fundamento cultural desta relação, esquecendo as origens do patriarcado.

Se a história mostra que a luta feminista não é recente, que está posta de modo mais evidente desde o movimento revolucionário na França do século XVIII com seu projeto igualitário; que avançou no século XIX para as conquistas de igualdade de participação política e de busca pelo voto, aliando-se nos movimentos socialistas ao proletariado; e que se tornou mais radical no século XX com as contribuições teóricas de Simone de Beauvoir, com a luta pelo ingresso no mercado de trabalho, e com a agitação pública do Movimento de Liberação das Mulheres em 1968, durante o concurso Miss América, quando atiraram na “lixeira da liberdade” cosméticos, sapatos de salto alto e sutiãs, sendo este ato simbólico um forte marco para o movimento feminista radical, pergunta-se: o que o Femen, então, tem de novo para seus atos ganharem tanta repercussão e o reconhecimento mundial, tornando-se um incômodo para os governantes e para a polícia onde quer que cheguem? É que suas militantes, ao invés de ‘queimarem’ os sutiãs, tiraram-no em público! Estaria o Femen ressuscitando a vertente radical feminista?

Assumindo uma luta política de caráter bastante inovador, o grupo não ficou imune à perseguição política e policial e às críticas de feministas, mas também tem recebido apoio de outros grupos pelo mundo. As declarações de suas militantes são tão fortes quanto os protestos que realizam. Elas dizem que “não é a nudez em seus protestos que fazem a diferença, mas a exposição de mulheres em uma sociedade dominada pelos homens”. Para elas, protestar com os seios de fora é um ato de libertação. Argumentam também que a exposição do corpo de mulheres nas publicidades para ganhar dinheiro é aceito, mas quando o corpo é usado como arma, e uma arma política poderosa, não pode. Deve ser, além de reprimido, coberto!

Seus protestos, embora concentrados em Kiev, tem ocorrido em várias cidades da Europa sendo todos eles marcados pela repressão do Estado, com um batalhão policial, e pela repercussão publicitária, porque sempre tem um batalhão de fotógrafos – homens – prontos a divulgar na rede mundial de computadores. É interessante também perceber a diferença dos textos escritos nos jornais, revistas e na web por homens e por mulheres.

A escolha dos lugares dos protestos também faz parte da nova modalidade de ato político feminista do Femen, associado ainda à caracterização de suas militantes. Assim,

não basta ser nesta ou naquela cidade, mas dentro das cidades um lugar simbólico: uma igreja que possua um significado histórico, uma praça que seja referência de manifestações políticas, um monumento histórico, em frente a órgãos do Estado (Embaixadas, Parlamentos, Tribunais), etc. Além do lugar, os trajes iniciais usados nos protestos fazem referência ao ato, porém sempre encerram seminuas, corpos pintados com frases fortes. Praticamente todos os ataques do Femen, apesar de diferentes, tem a questão da mulher como base. Em frente à embaixada do Irã, em Kiev, protestaram contra a condenação de uma mulher ao apedrejamento, por ter cometido adultério; em Sofia, capital da Bulgária, vestidas com luvas de box, shorts curtos e a tradicional grinalda de flores, típica do mundo rural ucraniano e símbolo do Femen, protestaram contra a violência doméstica naquele país, segurando cartazes dizendo “mulher não é saco de pancada”; assim também em Istambul, Turquia, onde foram para a frente da basílica de Santa Sofia, seminuas, protestar, no dia internacional das mulheres, contra a violência doméstica e com cartazes escritos “Mulheres muçulmanas: fiquem nuas”. Foram recolhidas pela polícia local e deportadas à Kiev. Em outra ocasião, no aeroporto de Kiev, uma militante foi esperar um homem da Nova Zelândia que venceu o concurso “Ganhe uma Esposa”, promovido por uma Rádio daquele país. O prêmio era uma viagem à Ucrânia, tendo aí uma acompanhante. O cartaz do Femen com os dizeres “Greg, te aguardamos”, mostrava uma mulher do Femen, com grinalda, seios à mostra, short pequeno, uma foice na mão e um testículo na outra! Já em Paris, vestidas de avental de empregadas domésticas, foram lavar a calçada da casa de Dominique Strauss-Kahn, ex-dirigente do FMI, acusado de estuprar uma camareira de hotel; na torre Eiffel, desfilaram com burcas negras e depois ficaram seminuas; aproveitaram ainda para ir à embaixada da Ucrânia em Paris para protestar contra a Eurocopa. Na Itália havia três motivos para protesto: o desfile de moda em Milão, quando protestaram, durante o desfile da grife Versace, contra a futilidade do mundo fashion, que tenta impor às mulheres um modelo de corpo, segurando cartazes com as inscrições “Fashion = fascismo” e “Anorexia” e o desenho de uma caveira. No Vaticano, foram à Praça São Pedro, protestar seminuas contra a posição da igreja católica sobre o aborto; em Roma, Silvio Berlusconi não poderia passar imune aos protestos depois de suas trapalhadas envolvendo prostitutas; em Davos, contra a reunião do Fórum Econômico Mundial. Em Hamburgo, na Alemanha, fizeram um protesto em frente a um bordel, contra a indústria do sexo. Vestiam calcinhas pretas com um pênis de borracha pendurado, pintaram um bigode estilo Hitler e portavam cartazes dizendo que a escravidão do sexo é fascismo! Em Moscou, em frente a Igreja de

Cristo Salvador, a ação era contra a fraude eleitoral, supostamente comandada por Vladimir Putin. Uma militante chegou a ser presa quando tentou roubar a urna com o voto de Putin.

Figura 1 - Protesto do Femen na Bulgária



Fonte: http://noticias.uol.com.br/album/120121_femenbulgaria_album.htm.NikolayDoychinov/AFP

Em Kiev, sede do movimento, os protestos são os mais diversos, desde os 25 anos da catástrofe da usina de Tchernobyl, que explodiu, com cartazes escritos “Democracia do câncer” e usando máscaras de oxigênio, contra a vizinha Rússia e a visita de seus dirigentes; a precariedade do abastecimento de água⁷, quando tomaram banho seminuas num chafariz; e também já subiram no alto da basílica de Santa Sofia, um dos lugares mais sagrados para os cristãos ortodoxos, e tocaram os sinos protestando contra a proibição do aborto levantando cartazes com a seguinte inscrição “Não darei a luz por vocês”; e mais recentemente, durante o torneio de futebol da Eurocopa, ocorreram vários protestos: na praça da independência, uma militante vestida de pênis, tornou-se o pênis do mascote da competição, formado por um arranjo de flores coloridas; em outro momento, na apresentação pública da taça da Eurocopa, uma militante tentou fugir com a ela, pois temia-se uma invasão de homens para o turismo sexual na cidade. No protesto contra a condenação da banda de punk russa Pussy Riot, as militantes do Femen utilizaram uma motosserra e derrubaram uma grande cruz erguida em memória às vítimas da repressão política em Kiev.

⁷ Slesarenok (n.d.) num estudo sobre as mulheres ucranianas, identificou que a principal prioridade para elas era a água potável.

Quando o candidato a presidente da Ucrânia Viktor Ianoukovitch, apoiado pela Rússia venceu as eleições em 2010, uma das primeiras medidas foi dissolver o órgão da administração encarregado de promover a igualdade entre homens e mulheres, de combater a violência doméstica e o tráfico de mulheres. Durante a sua campanha ele já avisara que lugar de mulher é na cozinha. Depois de eleito, compôs o seu ministério com 30 homens e nenhuma mulher, pois a Ucrânia precisava de gente capaz de trabalhar até 18 horas por dia, não sendo isso uma atribuição para mulheres! A reação mais enérgica a estes atos veio do Femen, que passou a ser perseguido pelo poder.

Do mesmo modo como outros tantos movimentos sociais, o feminismo possui também suas divergências. Assim, contra o Femen não está apenas o poder do Estado. Há correntes do movimento feminista, na própria Ucrânia, que condenam as ações do grupo. Algumas argumentam que o surgimento do Femen dividiu e prejudicou o feminismo no país. O movimento Offensive Feministe até concorda com as reivindicações do Femen, porém não acredita que os métodos usados sejam os mais adequados, uma vez que não possui escrúpulo e simboliza a mercantilização do corpo. A líder da Offensive, chegou a declarar que o Femen é xenófobo, pois realizou um protesto contra os torcedores de uma equipe de futebol da Turquia, afirmando que eles eram uma ameaça às mulheres ucranianas, dizendo que os turcos são bárbaros, tarados e não controlam seus impulsos sexuais. Outra crítica aponta que o Femen é midiático, que a encenação performática do Femen, com jovens, louras, sexys, reforça os estereótipos sobre a mulher ucraniana e não leva a lugar nenhum; enfim, as críticas são para o exibicionismo, a vitimização, pois aparecem pintadas de vermelho simulando sangue, violência contra mulher. É possível perceber algo além dos seios das garotas, pergunta-se Tamara Martsenyuk, uma professora de sociologia em Kiev e nos EUA, uma das críticas ao movimento. Isto apenas reforça, segundo ela, que "O Femen prova apenas que na sociedade ucraniana uma mulher é vista como um lindo objeto. E, agora, como um objeto político".

Na verdade, uma questão que merece reflexão é sobre a crítica de 'exibicionismo' por meio de ações midiáticas e de grande repercussão nos meios de comunicação provocadas pelo Femen. O grupo parece que soube juntar muito bem três elementos: as ferramentas tecnológicas de difusão da informação, tendo seus atos todos bem registrados por elas próprias ou por agências de comunicação; a exposição, a seminudez do corpo feminino, que numa sociedade patriarcal, machista rende publicidade; e o protesto político a partir de atos carregados de sensibilidade. Gera bastante impacto a

imagem de fortes policiais arrastando corpos femininos aos gritos, aos prantos, seminus, pintados, resistindo à prisão. Na sociedade do espetáculo, para tomar emprestado o título do livro de Guy-Debord, o espetáculo nas ruas protagonizado pelo Femen em cada um de seus ataques, mediado por imagens, ganha o mundo, transformando corpos femininos, muito utilizados para vender lingerie, cerveja, shampoos e cosméticos, em verdadeiras mensagens de protesto social. A realidade das relações de gênero, em todas as instâncias sociais, é denunciada através da ficção teatral chocante do Femen! Está dando certo?

Zychowicz (2011), em artigo⁸ publicado na conceituada revista *Antropology of East Europe Review*, inicia abordando a decepção de uma amiga sua, para quem, atualmente, quando se fala de Ucrânia, deve-se lembrar de vodka, neve e agora do Femen. “Eu tenho vergonha delas”, conclui a amiga da autora! É Zychowicz quem afirma que o Femen fraturou a ideia de um movimento coeso feminista na Ucrânia, por conta de sua iconicidade global, apesar de reconhecer que o “espetáculo” do Femen não possui precedentes como um grupo de protesto. Ela queria saber da líder do grupo, Anna Hutsol, porque quase todos os membros ativos do Femen se assemelham a modelos de passarela, insinuando que o Femen privilegia um ideal de corpos brancos e loiras esguias, excluindo todos os outros tipos. Talvez a autora não tenha percebido que o fenótipo majoritário no Leste Europeu é aquele. E mais, será que o fato de ser um movimento de ativismo radical, liderado por jovens, também não abalou o movimento feminista, recluso em discussões teóricas e acadêmicas?

Tentando fazer uma análise diferenciada, de apoio ao movimento do grupo Femen, uma professora de literatura ucraniana, Oksana Lutsyshyna, que reside nos EUA avalia a atuação do grupo como formidável, pois, em primeiro lugar, o Femen não é uma emanção do academicismo ocidental; não é também um movimento antifeminista como afirmam algumas feministas. Segundo ela, o Femen procura redefinir o feminismo, afirmando que “O problema é que o corpo de um homem é visto como instrumento de resistência, enquanto o da mulher é erotizado. Portanto, quando as mulheres do Femen se despem, elas não revelam só seus seios, elas colocam também a questão da representação do corpo feminino no espaço político”.

8 O título do artigo já remete a questionamento: Two bad word: Femen & Feminism in independent Ukraine. Na tradução seria “Duas palavras ruins, malvadas”.

Das declarações vindas do próprio movimento Femen, é interessante destacar, por exemplo, como a líder do grupo enfrenta estas críticas. Anna Hutson contesta as feministas da velha guarda afirmando que “somos diferentes das feministas clássicas. *Para ganhar voz elas tiveram que se tornar como homens*⁹. Nossos protestos nus fazem parte da luta pela libertação das mulheres. Temos o direito de usar nossos corpos como armas. Foram os homens que tornaram os seios um segredo”! Também dela é a declaração sobre a exposição de mulheres pela mídia: “Se o corpo da mulher pode vender todo tipo de coisa, nós também temos que usá-lo para vender ideias sociais”! Outra militante afirma que “queremos sim agitar nas ruas, não nos contentamos com as teorias”, uma possível referência às reflexões sobre o feminismo, regra geral restrito aos auditórios das Universidades e revistas científicas pouco acessíveis, sem contar a linguagem hermética de nós intelectuais! E continua: “sabemos que os homens gostam de peitos, mas não gostam quando as mulheres tem algo a dizer”.

Conclusão: além de cossacos e pêsankas

Desde o fim da União Soviética, a Rússia, líder histórica do antigo bloco, vê-se em apuros com seus antigos aliados. A independência das repúblicas do Báltico – Estônia, Letônia e Lituânia, reduziram substancialmente o acesso da Rússia aquele mar. Com a Ucrânia, a questão territorial diz respeito ao acesso ao mar Negro. A disputa entre Ucrânia e Rússia não cessará enquanto aquela não alcançar os seus objetivos de uma definitiva independência frente à Rússia. Analistas apontam que o sonho de ingresso da Ucrânia na Comunidade Europeia¹⁰, seria um grande feito para este país, o que não é desejado pela Rússia. Seria um caminho para a recuperação econômica da Ucrânia e a concretização de uma autonomia perdida há séculos, segundo os opositores ao Kremlin. O que o Femen tem a ver com isso? O ingresso da Ucrânia na Comunidade Europeia tornaria este país e sua política doméstica menos machista? O afastamento da influência de Moscou modificaria o pensamento conservador, religioso ortodoxo e patriarcal predominante na sociedade ucraniana?

9 Os grifos são nossos. Interpretamos esta frase como uma referencia da líder do movimento àquelas feministas clássicas que não se renderam aos apelos publicitários de uma mulher sensual, com batons, saltos-altos, roupas justas, depiladas e cabelos ordenados. Em geral, as feministas aparecem como sendo livres destas imagens e não são tao jovens.

10 Freire (2008) aborda as complexas relações entre a Ucrânia e a Comunidade Europeia.

A atuação deste grupo de feministas radicais já rendeu convites de outros grupos feministas na Europa. Na Ucrânia, o que parece ser mais provável é que o Femen estremeceu mais ainda a já fragmentada discussão em torno do feminismo, dividida em várias correntes. Ou seja, se para alguns discursos o movimento atraiu a atenção das lentes de fotógrafos – homens, por excelência - por todo o mundo, tornando-se midiático muito mais pela nudez do que pelas mensagens, o ativismo do Femen também balançou as mulheres: sejam elas conservadoras ou ditas de direita, que se horrorizam com a exposição da nudez, condenando os atos e associando-o à vulgaridade; sejam revolucionárias ou ditas de esquerda, que não acreditam que este seja o caminho para a conscientização política das mulheres contra o patriarcado.

O destino do grupo é algo que também deve produzir muita discussão interna. Por um lado, a forte perseguição política e policial do Estado ucraniano sobre ‘as garotas’, tem conduzido a desejos de pedido de asilo político de algumas de suas militantes. Por outro lado, a atuação delas em outros países, por uma questão de ordem jurídica, apelo à soberania, etc, viabiliza e facilita a deportação das militantes de volta à Ucrânia. Afinal, nenhum país aceita que estrangeiros protestem em seu território contra suas políticas, quaisquer que sejam. Isto tem consequências sobre a própria continuidade do movimento na Ucrânia e a reposição de seus membros, pois se trata de um tipo de militância política que exige forte preparo psicológico e ideológico. A primeira alternativa pensada tem sido a formação de um partido político para concorrer a vagas no parlamento ucraniano e, a partir disso, criar mecanismos legais para reduzir a discriminação contra a mulher, reduzir a prostituição e o turismo sexual. Outra alternativa para a expansão do movimento, vislumbrada pelas próprias criadoras do Femen, é a criação em diversos lugares do mundo de entidades filiadas, que na verdade já existe em diversos países. Assim, as militantes do Femen deixarão de ser só brancas, altas e loiras, como reclamam as críticas. Abrigarão toda uma diversidade de cores de pele e cabelos, formato de olhos e narizes, tamanho e peso de corpos, idades e crenças religiosas, certamente lutando com um único objetivo internacional, pautado na redução das assimetrias das relações de gênero, mas também incluindo, certamente, nos seus ataques, as pautas reivindicatórias de origem local ou nacional. Algo semelhante, inspirado no Femen, já surgiu no Canadá e tem-se espalhado pelo mundo que é a conhecida Slutwalk ou “marcha das vadias”.

Possivelmente, daqui para frente, a Ucrânia não será mais lembrada apenas pela dança folclórica maravilhosa oriunda da tradicional organização militar conhecida por

Cossacos e o artesanato cuja maior referência são as pêsankas, aqueles ovos coloridos pintados de modo formidável por seus artistas. O Femen pode ser incluído não mais como uma decepção, mas como um movimento corajoso que trouxe de volta o nome da Ucrânia para o mundo. Assim como iniciei o artigo com uma metáfora ao Manifesto Comunista, a conclusão não poderia ser diferente. A última frase do Manifesto constituiu-se no brado mais forte e difundido pelos comunistas: “Trabalhadores do mundo: uni-vos”. É possível, portanto, pela pauta também universal, o Femen dizer: “Mulheres do mundo: unam-se”.

Referências

AGNEW, John. Geopolítica. **Uma re-vision de la política mundial**. Madrid: Trama Editorial, 2005.

ANDRADE, Joana El-Jaick. August Bebel e a emancipação feminina: a confluência entre luta de gênero e de classe no âmbito da social-democracia europeia. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

BEBEL, Augusto. La mujer: En el pasado, en el presente, en el porvenir. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/38870391/Bebel-Augusto-La-Mujer-en-El-Pasado-en-El-Presente-en-El-Porvenir-Doc>.

BURKO, W. **A imigração ucraniana no Brasil**. Curitiba: Tese jornalística, 1963.

FREIRE, Maria R. **Relações UE-Ucrânia: a complexa gestão de objetivos, motivações e expectativas**. Núcleo de Relações Internacionais, FEUC e IPRI-UNL. WORKING PAPER 37, Jun. 2008.

GARCIA, Carla C. **Breve história do Feminismo**. São Paulo: Ed. Claridade, 2011.

GOLDMAN, Emma. Tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu**, n. 37, jul./dez. 2011, pp. 247-262.

IRIGARAY, Luce. A questão do outro. *labrys, estudos feministas*. N. 1-2, jul./ dez. 2002. Disponível em http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/irigaray1.html

LACOSTE, Yves. **Geopolítica**. Madrid: Síntesis, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOYER, Barbara. Feminisme et géopolitique. **Hérodote**, n. 136, 2010/1, pp.16-25.

MARX, K.; ENGELS, F. **Princípios do Comunismo e Manifesto Comunista**. Tradução Diego Siqueira. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 1, jan./jun. 2006, pp. 223-258.

OGLIARI, Marlene. Ucrânia: A longa e persistente caminhada rumo à independência. **Analecta**, Guarapuava, n. 1, ano 1, jul./dez. 2000, pp.97-108.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993

SEGRILLO, André. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SVITLANA, Slesarenok. Ucrania: mujeres contra la pobreza y la privatización. Disponível em www.tni.org/sites/www.tni.../aguaukraina.pdf

VESENTINI, José W. **Novas Geopolíticas**. São Paulo: Contexto, 2000.

ZYCHOWICZ, Jessica. Two Bad Words: FEMEN & Feminism. **Independent Ukraine. Anthropology of East Europe Review**, 29(2), 2011. Disponível em scholarworks.iu.edu/journals/index.php/.../1336

Recebido em Janeiro de 2013.

Publicado em Janeiro de 2013.